

## RESENHAS

### SAGRADA ESCRITURA

Breynaert, Françoise, *Parcours biblique. Le berceau de l'Incarnation*, Paris: Parole et Silence, 2016, 414 pp., 235x150, ISBN 978-2-940515-39-4.

Afigura-se uma tarefa ciclópica escolher um tema e tratá-lo em toda a Escritura. A maior parte dos autores prefere, por isso, restringir o âmbito. Françoise Breynaert não teve medo disso e oferece-nos uma obra monográfica, do âmbito da teologia bíblica, sobre a encarnação. Que se trate de um estudo histórico-crítico, não nos causa estranheza, dado que valoriza o realismo da encarnação. A estranheza maior advém, à primeira vista, do facto de um livro assim começar pelo Antigo Testamento. Mas, pensando melhor, rapidamente chegámos à conclusão que assim teria de ser, dado que “o pôr por escrito as palavras de Deus, graças ao carisma da inspiração escriturística, foi um primeiro passo para a encarnação do Verbo de Deus” (João Paulo II, *Discurso aos cardeais e à Comissão Pontifícia Bíblica*, 23 de Abril de 1993, § 6-7).

Dado que o Espírito Santo está presente em toda a revelação bíblica e preside ao processo da sua inspiração em ordem à escrita, mais facilmente se aceita e compreende que a encarnação esteja presente em toda a Escritura, primeiro como projeto ou profecia (Antigo Testamento) e depois como realidade (Novo Testamento). Por esse motivo, o autor percorre os diferentes tempos da história bíblica vetero-testamen-

tária (o tempo dos Patriarcas, do êxodo, da realeza, do exílio, dos persas, dos gregos e dos romanos), em busca dos textos que, no enquadramento do sentido pleno das Escrituras, apontam para a encarnação e a preparam. Por último, detêm-se no Novo Testamento, testemunho escrito da realidade da encarnação. Neste capítulo, são abordados os temas que conferem espessura humana e histórica à presença do Filho de Deus entre os homens: a família de Jesus, o acolhimento da revelação, os milagres, o amor aos inimigos, o casamento, a relação de Jesus com o Templo e a Lei, as parábolas, entre outros.

Completam o livro dois capítulos, intitulados “A boa nova aos defuntos” e “O tempo da Igreja. Ressurreição, Ascensão e Pentecostes”. No seu conjunto, emprestam ao toda da obra uma força, um realismo e uma utilidade prática que o tornam muito útil não apenas no âmbito da teologia bíblica, mas também no da práxis pastoral da Igreja.

Se à densidade dos conteúdos juntarmos a boa apresentação, fica provada à saciedade o interesse e a pertinência desta obra.

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

De Villefranche, Henry, *Voire et servir. Des clés pour lire saint Luc*, Paris: Parole et Silence, 2017, 192 pp., 210x140, ISBN 978-288-918-996-0.

“O evangelho segundo São Lucas possui um lugar privilegiado no Novo Testamento e mesmo em toda a Bíblia” (p. 13). É este lugar privilegiado e a sua notável riqueza literária e teológica que tornam praticamente inesgotável o processo da sua leitura e interpretação. De facto, são muitas as perspectivas em que este evangelho já foi e continua a ser lido. Podemos mesmo dizer que se presta a leituras sempre renovadas e criativas. Eis-nos perante uma dessas!

Depois de uma interessante introdução à obra de Lucas (o autor detém-se em temas como: quem é Lucas e por que escreve?; Deus faz uma aliança: por quê e como?; o contributo de Lucas; o prólogo do Evangelho; Lucas entre Mateus-Marcos e João), Henry de Villefranche, padre da Diocese de Paris e professor no Colégio dos Bernardinos, comenta a globalidade do evangelho de Lucas, em quatro momentos: 1, 5 – 4, 13 (préparations); 4, 14 – 9, 50 (révelation de Jésus et de sa mission en Galilée); 9, 51 – 21, 38 (Jésus prend de chemin de Jérusalem); 22, 1 – 24, 53 (l’ alliance nouvelle en Jésus). Por último, apresenta o uso do terceiro evangelho no lecionário romano.

Como o título indica, as suas chaves de leitura são o ver e o servir, duas das coordenadas fundamentais da teologia de Lucas. Poderia tratar-se de mais um comentário ou de um entre outros, mas este enfoque confere-se novidade e pertinência. Podemos dizer que radica aqui o seu interesse e valor.

O interesse dos seus conteúdos e a sua boa apresentação gráfica fazem deste breve comentário (apenas 190 páginas!) uma obra de interesse científico e, por isso, de leitura recomendada.

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

## EUCARISTIA

Rouillé d’Orfeuill, Matthieu, *Lieu, présence, résurrection. Relectures de phénoménologie eucharistique* (Paris: Les Éditions du Cerf, 2016), pp. 402, 210x135, ISBN 978-2-204-11022-8.

«Isto é o meu Corpo.» Esta declaração de Jesus, feita no decurso da ‘última ceia’, que os cristãos escutam na celebração da eucaristia, continua, como sucedeu na primeira vez, a soar com significativa estranheza. Não obstante a frequência com que é escutada, diga-se. De facto, são palavras que, embora sintéticas, mas de amplitude muito vasta em relação à sua semântica, interpelaram os primeiros cristãos, ou seja, todos os ‘teólogos’, que, desde o princípio, procuram compreender o sentido que Jesus lhes assignou. Porque ‘ousadas’ e, ao mesmo tempo, carecidas de interpretação para a inteligência da fé e a vivência deste mistério, despertaram enorme fascínio em muitos filósofos, entre eles, René Descartes, Gottfried Leibniz, mas também outros mais recentes, como cita o A., Maurice Blondel, Emmanuel Falque ou Jean-Luc Marion.

Trata-se de um questionamento que a filosofia do ‘ser’ coloca à teologia eucarística. É neste contexto que o A. se move, não sem precedentes, pois, de forma assumida, o faz à luz da reflexão feita por Jean-Yves Lacoste, que, tendo alocado a questão eucarística no centro de interrogação do ser, ofereceu novas sínteses desta relação intrínseca. Retomando este dossier, típico da teologia eucarística, o A. procura evidenciar como a reflexão feita pelos filósofos e teólogos sobre este mistério não se esgota, à semelhança do que sucedeu frequentemente com outras questões, às vezes não mais do que questiúnculas, no tratado geral da Eucaristia, numa problematização de natu-